

Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003

Tema 3: A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea

Sub-Tema: 3e: A Psicanálise e a Universidade: a questão do lugar do saber psicanalítico, ensino ou transmissão?

Transmissão no campo geral de Guimarães Rosa

Geraldo Majela Martins¹

RESUMO

O narrador rosiano rastreia em *Campo Geral* a infância de um certo Miguilim e seu jogo com a vida e a morte. Recortamos neste trabalho as identificações imaginárias da personagem e suas perdas como constituidoras do sujeito da narrativa.

O sertão é lido como um espelho que reflete a angústia real de Miguilim. A separação, a perda da infância e do outro imaginário estão tecidas nas imagens e impressas nas palavras que narram e arranjam o real – a morte.

Temos uma narrativa produzida a partir do declínio do amor entre os pais, da desarmonia na natureza – o cão e o gato, o sol e a tempestade – do abandono dos pais e, enfim, da morte do Dito. Essa morte tem um efeito de perda narcísica, gera a angústia e convoca o desejo de narrar.

PAVAVRAS-CHAVE: desejo, infância, morte, pai, sertão.

Ainda não descobri
a palavra ideal
– a menos que ideal
seja a palavra

Laís Corrêa de Araújo

O narrador rosiano rastreia, em “Campo Geral”, a infância de um certo Miguilim e seu jogo com a vida e a morte. *Mutúm*, onde ele vivia, tinha para sua mãe a cor da saudade. Ela sentia saudade, sem esperanças de poder ver atrás do morro. A vida não lhe era bonita.

¹ Psicanalista, Mestre em Letras – Estudos Literários pela UFMG (endereço eletrônico: acácias. @uol.com.br). Autor de *O perfume das acácias*. Belo Horizonte: Casa Cambuquira, 1997 e de *A estética do sedutor* – uma introdução a Kierkegaard. Belo Horizonte: Mazza, 2000. Co-autor de *A escrita do analista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

A narrativa de “Campo Geral” será tecida entre as duas viagens do menino. Da primeira, voltou crismado e trouxe um presente para a mãe. Lá longe, do outro lado, nas veredas, um homem revelou-lhe que o *Mutúm* era lugar bonito.... Miguilim quer presentear a mãe, fazê-la feliz. Esse é o drama da criança que, já no seu nascimento, emaranhada está na demanda materna: querer para si um objeto de amor. Temos, de saída, uma encruzilhada na vida dessa criança. Como desvencilhar-se do lugar que ela ocupa no desejo da mãe, o de objeto de amor?

Miguilim nos revela ser sua mãe uma bela mulher e que ela não vive do amor pelo seu pai. Ele viaja, com o tio Terêz, irmão do pai, para receber a confirmação do batismo. É, assim, que o *nom-du-père* faz sua entrada no jogo imaginário da perda do objeto materno. Da viagem ficaram, também, as *relembrações* em torno do Bispo com seus trajes coloridos; sua identificação com o substituto do pai, o tio Terêz e uma nova significância para o triste recanto da mãe: *Mutúm*.

O *Mutúm*, triste e sem mar, na língua do homem desconhecido, passa a existir como um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte. Chove sempre. Na sua primeira andança, o menino ocupa-se do desejo da mãe.

A novela familiar de Miguilim, através da narrativa, pincela a tristeza estampada na vista da mãe, à qual ele está identificado. O desejo da mãe transborda no corpo da criança marcando-o com a *doença da morte*. O eu esfacelado deste *infans* mira e admira o Dito, como a imagem que reflete o ideal da plenitude. Temos, assim, uma primeira *confusão* entre Miguilim e o Dito. Miguilim narra: “Era capaz de brincar com o Dito a vida inteira, o Ditinho era a melhor pessoa, de repente, sempre sem desassossego”; “Queria que tudo fosse igual ao igual sem esparrame nenhum...”; “Sofria precisão de conversar com o Dito...”.² Miguilim pensava “que devia copiar de ser igual como o Dito”.³

² ROSA, 1956, p.52, 57 e 83.

³ ROSA, 1956, p.111.

Nas veredas do *Mutúm* a mãe, com sua melancolia, adoece a infância de Miguilim, enquanto a imagem do Dito remenda a criança em frangalhos, compondo um vitral de retalhos que clamam pelo nome: *ExpeDito*.

A criança, frente ao desejo da mãe busca na imagem do seu semelhante uma identificação que lhe dê a ilusão de ser. Nesse tempo do imaginário, a imagem organiza-se para um outro tempo que virá, aquele em que a lei da palavra divide e funda o sujeito do desejo.

As veredas do *Mutúm* podem ser lidas como um espelho que reflete a angústia real de Miguilim. No principio a mãe é triste, porque há um morro que a impede de ver para além do *Mutúm*, ela não pode viver seu amor velado pelo tio Terêz, tem saudades do mar que não conhece. A mãe fascina Miguilim:

A gente olhava mãe, imaginava saudade. Miguilim não sabia muitas coisas. – ‘Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca?’ Ela glosava que quem-sabe não, iam não, sempre, por pobreza de longe. – ‘A gente não vai, Miguilim’ – o Dito afirmou: – ‘Acho que nunca! A gente é no sertão. Então por que é que você indaga?’ – Nada, não, Dito. Mas às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...’⁴

O menino traça-nos sua sina. Ele nos conta que a mãe era “tão bonita, só para se gostar dela, todo o mundo”⁵. Seu amor à mãe é incontido: “Miguilim gostava pudesse abraçar e beijar a Mãezinha, muito, demais muito, aquela hora mesma”.⁶

Miguilim sofre do amor da mãe, do medo de morrer e da tirania castradora do pai. O dia da morte é esperado e marcado, ora pelos fatos, ora pelos pensamentos de Miguilim. O rastro da mãe e da morte se derrama no texto.

No silêncio do sertão, um coro de vozes escritura a doença da morte. Primeira voz: “Esse dia – foi em hora de almoço –: ele Miguilim ia morrer! – de repente estava engasgado com ossinho de galinha na goela, foi tudo tão: ...

⁴ ROSA, 1956, p.91.

⁵ ROSA, 1956, p.43.

⁶ ROSA, 1956, p.35.

malamém... morte... – nem deu tempo para idéia nenhuma, era só um errado total, morrer e tudo...”.⁷

Segunda voz: “Estava rezando, endereçado baixinho, para Deus dificultar d’ele morrer”.⁸ Terceira voz: “Sempre cismava medo assim de adoecer, mesmo era verdade”.⁹ Quarta voz:

...Então, ia morrer, mesmo, o remédio de seo Deográcias não adiantava.

– Dito, hoje é que dia?

Então ia morrer; carecia de pensar feito já fosse pessoa grande?

Suspendeu as mãozinhas, tapando os olhos. Em mal que, a gente carecia de querer pensar somente nas coisas que devia de fazer, mas o governo da cabeça era erroso – vinha era toda idéia ruim das coisas que estão por poder suceder! Antes as estórias.¹⁰

E, finalmente, a voz oracular do pensamento obsedante sussurra, contornando a infância do *Mutúm*:

Repensava aquele pensamento, de muitas maneiras amarguras. Era um pensamento enorme, aí Miguilim tinha de rodear de todos os lados, em beira dele. E isso era, era! Ele tinha de morrer? Para pensar, se carecia de agarrar coragem – debaixo da exata idéia, coraçãozinho dele anoitecia. Tinha de morrer? Quem sabia, só? Então – ele rezava pedindo: combinava com Deus, um prazo que marcava... Três dias. De dentro daqueles três dias, ele podia morrer, se fosse para ser, se Deus quisesse. Se não, passados os três dias, aí então ele não morria mais, nem ficava doente com perigo, mas sarava!¹¹

Enquanto a tempestade de vozes canta o medo da morte, Miguilim costura, paralelamente, as mortes e as perdas da sua própria imagem. Miguilim se reflete nos outros e esses refletem-se nele.

Sua novela torna-se uma busca incansável para, da imagem, separar. Ele quer fazer existir a criança traumatizada. Miguilim vive a morte do Dito. Seu luto é vivido, mais uma vez, corpo-a-corpo. Ele adoece da morte do outro. Quer saber das roupinhas e alpercatinhas que calçavam o outro. Quer vestir-se com as roupagens do outro, deseja a morte do pai, adoece desse desejo.

⁷ ROSA, 1956, p.32-3.

⁸ ROSA, 1956, p.43.

⁹ ROSA, 1956, p.45.

¹⁰ ROSA, 1956, p. 50.

Naquele momento de dor e luto, o pai se pune com a morte. Só resta, a esse filho órfão, o significante Dito que representa um sujeito para outro significante: Miguilim. Assim temos a expressão do desejo de Miguilim: “Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do *Dito morto* ainda no *Dito vivo*, ou do *Dito vivo* mesmo no *Dito morto*”.¹² O texto fia, em cadeias, o significante vivo, cujo efeito é o sujeito desejante.

A perda da imagem da mãe inicia-se com a perda da cachorra Pingo-de-Ouro. Doente e cega, tivera filhotes, salvando-se somente um. Miguilim contempla as cenas lúdicas da mãe e do filhote até que, num certo dia, quando passava um tropeiro pelo *Mutúm*, o pai dá Pingo-de-Ouro de presente. No pranto de Miguilim, podemos constatar a sua primeira perda: a da mãe.

Enquanto a criança faz seu luto, a narrativa é marcada pela paixão e idealização ao Dito. Amado pelo pai, Dito é um deslocamento do amor de Miguilim pela mãe. Esse deslocamento marca uma substituição do objeto materno para o objeto fraterno. Do real da mãe à função imaginária do irmão. Dito passa a ser a imagem de Miguilim. O texto narra:

O Dito, menor, muito mais menino, e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar. Ele, Miguilim, mesmo quando sabia, espiava na dúvida, achava que podia ser errado. Até as coisas que ele pensava, precisa de contar ao Dito, para o Dito reproduzir, com aquela força séria, confirmada, para então ele acreditar mesmo que era verdade.¹³

A obsessão pelo pensamento da morte, o medo dela – o seu dia e a sua hora –, estão diluídos durante a narrativa no desaparecimento de pessoas e de animais, no fluir dos dias e das noites do sertão.

Para poder ferir essa idéia de morte que adoece a criança, num impulso de querer “tudo fosse igual ao igual”, o narrador constrói um texto onde a única salvação da criança é perder sua própria imagem. Perde-se para assim quebrar o espelho – lago de narciso – e tornar-se um texto de memórias, interditando a imagem devoradora do outro materno, ao qual o significante faz bordas. O narrador-narrado está identificado ao significante.

¹¹ ROSA, 1956, p.51-2.

¹² ROSA, 1956, p.109.

¹³ ROSA, 1956, p. 84.

Miguilim é ungido pelo tecido significante quando conta, ao Dito, estórias do leão, do tatu e da foca. A voz do narrador revela: “Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior”.¹⁴ Urgia contar e recontar o sertão do *Mutúm*: meio de salvar-se do fogo devorador do desejo da mãe, salvar-se do aprisionamento da imagem do irmão e salvar-se da escuridão que o pai castrador lançara sobre a criança. Se toda criança tem que encontrar uma maneira de ser salva, Miguilim busca, no fio da narrativa, tecer um manto que lhe sirva de veste para suportar as veredas da pulsão.

Miguilim ama aquele que a mãe ama e odeia as zombarias e o desprezo do pai: “Era só avistar Miguilim, e ele [o pai] já bramava: – ‘Mão te tenha, cachorrinho! Enxerido... Carapuçado...’ Derradeiro, o Pai judiava mesmo com todo o mundo”.¹⁵

Entre os dois significantes *viagem* temos o espelho lacaniano das identificações imaginárias sombreando a personagem das Gerais. Atravessá-lo, a partir das perdas-lutos, faz a tessitura da criança rosiana. Transpor a doença da morte *enovela* os fios narrativos dessas viagens. Elas estão, uma na aurora da novela e a outra no seu crepúsculo, constituindo um certo Miguilim: filho da narrativa.

Segunda viagem – fim do “Campo Geral”. Com os óculos emprestados pelo doutor, Miguilim, depois da morte do irmão – seu igual – e da morte do pai, olha através da lente do outro, ao qual ele supõe o saber, e trinca a imagem do espelho-veredas. A arte de perder não tarda a aprender.

Do lugar de quem parte, partido, dividido pela lei da palavra, o personagem olha, primeiro para todos, em seguida para os matos escuros de cima do morro, para a cerca de feijão-bravo e são-caetano, para o firmamento, para o quintal e, finalmente, para a manhã. Despossuído, agora, da imagem do pequeno outro, imagem que foi subvertida com a morte do Dito e rasurada durante a narrativa, Miguilim anuncia, sob o efeito das marcas do sujeito

¹⁴ ROSA, 1956, p.100.

¹⁵ ROSA, 1956, p.111-2.

desejante, sua distância do *Mutúm* – canto melancólico da mãe. Dessa feita, temos uma outra escritura: O *Mutúm* é bonito. E é disso que ele sabe.

Nesse momento em que a criança Miguilim deixa a mãe, os irmãos, o pai morto e o *Mutúm*, a voz do narrador tem outra música: “*Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim...* Nem sabia o que era alegria e tristeza”.¹⁶

“Campo Geral” é um *poema* em três tempos. O primeiro é aquele que constata um mundo em desarmonia; no segundo, temos a falta do outro; o terceiro, é aquele da *vestimenta* da imagem do outro para, enfim, perdê-lo. “Campo Geral” engenha o narrado-narrador. Estamos, portanto, ancorados nas terras do sujeito tecido pelas lembranças e edificado pelas perdas fundadoras. Com a subversão do dito do Outro, a narrativa constrói um narrado-narrador.

Diferente da mãe, Miguilim é aquele que pode ver, narrar e atravessar o morro do morro. Seu *Mutúm*, sem o pai, sem o Dito, sem a Cuca Pingo-de-Ouro, é uma estória que ecoa como um *Dito espirituoso*. Na hora da sua partida, Miguilim, diante do seu verbo estilhaçado, insiste, consistindo, que o pai é só parecença: “Tio Terêz, o senhor parece com Pai...”.¹⁷ No espelho do sertão não há mais imagens, só a lei da palavra. Talvez seja por isso que o menino teimava tanto com o Papaco-o-Paco, porfiando que aprendesse a falar o nome do Dito. No fim, o Papaco-o-Paco falava, alto, falava. Porque tudo, para existir, tem que virar palavra: dito e feito.

Referência Bibliográfica

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Pé de Página*. Belo Horizonte: Nonada, 1995 (sem paginação).

ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile* (v.1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. Campo Geral, p.13-136.

¹⁶ ROSA, 1956, p.136.

¹⁷ ROSA, 1956, p.136.